



Depois de marcar o gol do título brasileiro, o artilheiro Nunes ajoelha-se para comemorar com Júlio César, Adílio e Andrade. Era o início da fase mais vencedora de toda a história do Flamengo



O início da temporada de 1980 apontava um grande desafio para o Flamengo: provar que aquele grupo de jogadores, já considerado o mais poderoso da sua história, podia se impor também no cenário nacional. Nada melhor então do que conquistar um Campeonato Brasileiro. Com Zico em exuberante forma física e técnica – marcara impressionantes 89 gols em 1979, sendo 79 pelo Flamengo –, o time era uma máquina de jogar bola. Havia, portanto, motivos de sobra para que a galera, que há muito sonhava com um título nacional, acreditasse que dessa vez daria Mengão.

O fato é que um clube como o Flamengo, com a maior torcida do país, não poderia mesmo se contentar apenas com conquistas regionais. Era chegada a hora de ser, indiscutivelmente, o melhor do Brasil. Quem sabe do mundo?

Zico, Júnior, Raul, Toninho, Leandro, Rondinelli, Manguito, Carpegiani, Júlio César, Andrade, Tita e Adílio, entre outros, já formavam um elenco de respeito. A eles vieram se juntar o zagueiro Marinho, vindo do Londrina, o rápido ponta-esquerda Carlos Henrique e o lateral direito Carlos Alberto. O técnico Cláudio Coutinho não tinha do que reclamar.

O Campeonato Brasileiro de 1980, chamado de Taça de Ouro, tinha, inicialmente, quarenta clubes divididos em quatro grupos de dez equipes. A fórmula era extremamente complicada, incluía até a entrada de participantes durante a competição. Seriam os quatro melhores classificados da primeira fase da Taça de Prata, a segunda divisão da época. Eles chegariam à primeira divisão, já na segunda fase de disputa. Algo para lá de esquisito.

O sorteio colocou o Flamengo no Grupo C, e o primeiro jogo foi uma vitória apertada sobre o Santos, no Morumbi, por 1 a 0, gol de Zico.

No Maracanã, outra vitória de 1 a 0, com outro gol de Zico, desta vez em cima do Internacional.

No terceiro jogo, contra a fraquíssima equipe do Botafogo da Paraíba, o esquadrão rubro-negro não se entendeu e acabou derrotado, em pleno Maracanã, por 2 a 1. O resultado serviu de lição. Apesar da força de seu time, o Flamengo não poderia se permitir não levar a sério os adversários, por mais fracos que eles fossem.

Júnior garante que não houve menosprezo:

“Aquele time não tinha como característica menosprezar ninguém. O respeito pelos times, naturalmente, era de acordo com a qualidade de cada um. Aquele jogo serviu, na verdade, como alerta para o resto da temporada. O Coutinho sempre usava nas preleções, como exemplo, para abrir os olhos da galera. Só eu ganhei pontos naquele jogo: foram seis na boca e sete no supercílio, devido a uma batida, sem querer, de um defensor do Botafogo paraibano. Meu conterrâneo me atropelou legal!”

Rondinelli reforça a opinião de Júnior, apesar de reconhecer que houve, mesmo inconscientemente, algum desleixo: “Não foi exatamente menosprezo ao Botafogo da Paraíba. Como havíamos ganhado os dois primeiros jogos, contra Santos e Internacional, acabou que entramos em campo com excesso de confiança.”

Mas logo a equipe se reencontrou. Na sequência, vitórias sobre o Mixto, do Mato Grosso, por 2 a 0, e sobre o Ferroviário, do Ceará, por 2 a 1. Em seguida, um tropeço. O Flamengo dominou o jogo contra o Náutico, em Recife, e chegou ao placar de 2 a 0. Mas, nos minutos finais, acabou relaxando e cedendo o empate por 2 a 2 aos pernambucanos.

A CHEGADA DO JOÃO DANADO

Depois de vencer o Itabaiana, de Sergipe, por 5 a 0 e vacilar diante do São Paulo de Rio Grande, com um empate sem gols, veio outro empate com o bom time da Ponte Preta, por 2 a 2. Nesta partida estreou o centroavante Nunes, o João Danado. Ele veio emprestado pelo América de Monterrey (México), com o passe fixado em 380 mil dólares. Nunes chegou e foi mostrando serviço, marcando logo seu primeiro gol com o Manto Sagrado, aos 18 minutos do primeiro tempo. Nunes seria de fundamental importância para o time da Gávea levantar a taça. O Flamengo terminou a primeira fase em segundo lugar no seu grupo, atrás do Santos.

Na segunda fase, foram formados grupos de quatro equipes, que jogariam no sistema de ida e volta. No primeiro jogo, o Fla foi muito mal e empatou em Recife, por 0 a 0, com o Santa Cruz.

O COMEÇO DA ESCALADA

A torcida estava confiante, mas não entendia esses tropeços. Foi quando chegou a hora da afirmação. E ela veio com uma goleada acachapante em cima do Palmeiras, por 6 a 2, no dia 13 de abril. Foram dois gols de Zico; dois de Tita, que comemorava dando adeus para a torcida palmeirense; um de Toninho e um de Nunes. A partir daí, ninguém seguraria o Mengão. O jogo da volta, contra o Palmeiras, foi 2 a 2.

“O Palmeiras era uma equipe de qualidade e havia nos desclassificado, em 79, ganhando por 4 a 1. Havia um clima de devolver aquela goleada, em pleno Maracanã. Jogamos uma partida onde tudo que fazíamos dava certo. A confiança, daquele dia em diante, passou a ser maior, porém, naquele ano, havia quatro ou cinco equipes em condições de levar o título: Atlético/MG, São Paulo, Internacional, Palmeiras etc.”, lembra Júnior.

Fechando a segunda fase, as vitórias sobre o Bangu (2 a 1 e 3 a 0) e Santa Cruz (2 a 1) garantiram a primeira colocação e a presença em um grupo teoricamente mais fraco. Nessa terceira fase, apenas o vencedor de cada grupo iria para as semifinais. Dois jogos no Maracanã e duas vitórias, em cima da Desportiva Ferroviária, do Espírito Santo (3 a 0) e Santos (2 a 0). Um empatezinho por 1 a 1, em Campinas, com a Ponte Preta. A semifinal seria contra o Coritiba.

PARECIA MOLEZA. SÓ PARECIA...

Na primeira partida semifinal, uma vitória relativamente fácil em cima do Coritiba, por 2 a 0, com os dois gols de Zico. Tudo indicava que o jogo de volta, no Maracanã, seria uma moleza. O Flamengo poderia até perder por dois gols de diferença, que estaria na final. Os rubro-negros iriam atropelar o Coxa Branca no Maracanã. Doce ilusão... A coisa seria mais complicada.

Aos 18 minutos do primeiro tempo, quando Zico deixava o campo com uma distensão muscular, Vílson Tadei fazia o primeiro do Coritiba. Aladim marcou o segundo dos paranaenses, aos 31 minutos, e, de



O grande time do Flamengo que encantou o Brasil em 1980. De pé: Toninho, Marinho, Raul, Manguito, Júnior e Carpegiani. Agachados: Tita, Andrade, Nunes, Zico e Júlio César

quebra, o Fla ficava também sem Júlio César “Uri Gueller”. Tudo parecia estar perdido. De repente, o time reage de forma avassaladora. Nunes solta uma bomba de fora da área, aos 34 minutos, e diminui a vantagem adversária. Três minutos depois, Andrade cruza, Tita mata a bola no peito e ela sobra para Nunes empatar. Aos 39, a virada. Carlos Alberto dribla quatro adversários e solta um chute no ângulo do goleiro Moreira. Um golaço! Os mais de 87 mil torcedores foram à loucura nas arquibancadas. No segundo tempo, Anselmo marca mais um, e Luís Freire assinala para o Coritiba. Placar final: Flamengo 4 a 3.

Na outra semifinal, o Atlético Mineiro garantiu a vaga empatando com o Internacional por 1 a 1, no Mineirão, e ganhando por 3 a 0, no Beira-Rio.

A GUERRA E A FESTA NO MINEIRÃO

A final seria contra o grande time do Galo, que contava, entre outros, com João Leite, Reinaldo, Toninho Cerezo, Palhinha, Osmar e Éder. Zico não jogou, assim como Júlio César. O caso de Zico era mais

complicado. Além de estar machucado, seu contrato havia vencido e ele não admitia jogar sem renovar, como disse ao *Jornal do Brasil*, no dia 24 de maio:

“Sou do Sindicato dos Jogadores Profissionais e sou contra o jogador entrar em campo sem contrato. Também sou contra jogar com um seguro e, em minha carreira, sempre tive meus contratos renovados antes do término. Acho que o jogador deve entrar em campo com esses problemas resolvidos. Vivemos num regime profissional e temos que tratar desses assuntos de forma bastante realista, deixando de lado até mesmo o que, no íntimo, gostaríamos de fazer. Peço aquilo que julgo merecer. Quando meu contrato foi feito, o Campeonato Nacional anterior nem havia começado. Portanto, se meu contrato termina na véspera da decisão, não é de minha responsabilidade. Por isso faço questão que tudo seja resolvido o quanto antes. Tempo os dirigentes tiveram. Apenas não quero me preocupar com esses problemas, para o bem da própria equipe. Quero entrar em campo tranqüilo.”

Mesmo com a ausência do maior ídolo, a torcida do Flamengo foi em massa para Belo Horizonte, onde apanhou da polícia e da torcida do Atlético. A rivalidade entre as duas equipes era grande e a guerra não estava só fora de campo. No gramado, até jogadores de categoria, como Palhinha, eram desleais. E o árbitro Romualdo Arppi Filho não teve competência para conter a violência atleticana. Rondinelli foi a principal vítima:

“Durante uma jogada complicada na área, o Palhinha, de maldade, me deu um chute no maxilar e eu caí desacordado. O juiz não marcou nem falta. Saí de campo ainda desmaiado e a consequência é que, até hoje, só tenho trinta por cento da audição do ouvido esquerdo. Fui operado para corrigir as várias fraturas do maxilar e não pude jogar a finalíssima no Maracanã. Sou cheio de fios de aço e parafusos.”

Sem o Deus da Raça, numa rara bobeadade de Júnior, que errou na saída de bola, Reinaldo fez o único gol da partida. “Depois do jogo, em que perdemos por um vacilo meu, entrei no vestiário e fui logo dizendo que os mineiros tinham perdido a chance de ser campeões ali, porque, no Rio, a vitória era uma certeza.”

Raul conta que foi o último a entrar no vestiário e tomou um baita susto: “Estava a maior festa. Todo mundo se abraçando. Parecia que a gente tinha ganhado o título. Aí eu perguntei ao Júnior: ‘Ô cara, que festa é essa? Parece até que a gente já é campeão.’ O Capacete respondeu com um sorriso: ‘E você acha que a gente vai perder pra eles lá no Maraca, Véio?’ Aí eu também entrei na festa.”